

Salacia e as elites da Lusitânia

José d'Encarnação¹

CEAACP – Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

DOI: https://doi.org/10.14195/2182-844X_11_1

RESUMO

Partindo da documentação, sobretudo de teor epigráfico, de que se dispõe, procura mostrar-se quão intensas foram as relações de *Salacia* com o exterior. As suas elites nunca estiveram isoladas e as epígrafes justificam um relacionamento estreito não apenas com a capital da Lusitânia, *Augusta Emerita*, mas também com a zona oriental do Império.

PALAVRAS-CHAVE

Monumentos epigráficos; *defixio*; magistraturas locais; sacerdócio imperial.

ABSTRACT

The Roman epigraphic documents reveal that the high society of the Roman city of *Salacia* had an important relation – economic, political, cultural – with the provincial capital *Augusta Emerita*, with Rome and, also, with the oriental part of the Roman Empire.

KEYWORDS

Epigraphic documents; *defixio*; local magistrates; imperial priests.

1 ORCID iD: [0000-0002-9090-557X](https://orcid.org/0000-0002-9090-557X); jde@fl.uc.pt

Cumpre, em primeiro lugar, congratular-me com a iniciativa de se chamar agora a atenção para o papel primordial desempenhado pelas cidades neste Sudoeste lusitano. E de se aproveitar a oportunidade para destacar a relevância que teve para os nossos estudos a publicação de *Portugal Romano* do Doutor Jorge de Alarcão.

Queira-se ou não, a cidade – pela sua implantação e por ser, desde o início, um centro agregador das gentes – acaba por constituir um pólo em torno do qual gira a economia, a política e, concomitantemente, as manifestações culturais.

Sintomático, aliás, o facto de nos estarmos a reunir em dois portos: Ossónoba, marítimo, e *Myrtilis*, fluvial. Ambos, vias de penetração e de contactos exteriores.

Salacia inscreve-se de pleno direito nesta categoria.

A sua localização no estuário do Sado, de comunicação fácil quer pelo oceano quer para o interior, alcandorou-a logo, desde tempos primeiros, a entreposto privilegiado entre o Mediterrâneo e o Atlântico, como o demonstram os eloquentes achados da Idade do Ferro – postos em parte em evidência pelas escavações levadas a efeito por Cavaleiro Paixão – e, de modo especial, por, no âmbito da guerra entre César e Pompeu, ter sido obsequiada com o título de *Imperatoria*, de certa maneira ornada de *imperium*, tendo a palavra mui ampla conotação estratégica – militar e económica.

Não admira, pois, que desde cedo – e vamos cingir-nos à época imperial – *Salacia* haja atraído as atenções das forças em presença.

E a relação com o escol provincial sediado em *Augusta Emerita* – recorde-se já estar arqueologicamente provado que as comunicações entre uma e outra das cidades não envolveriam dificuldades – poderá, para mais fácil sistematização, sublinhar-se em três domínios: a política, a econo-

mia e a cultura. Três domínios obviamente nunca indissociáveis – e esta é também uma das consciencializações que as movimentações dos nossos dias nos ajudaram a ter presente: política, economia e cultura andam a par, têm de andar a par.



Figura 1. Selo dos CTT com a imagem de uma moeda de Salacia.

Escolhi esta imagem (Figura 1) por se me afigurar significativa. Certo é que os CTT consultaram peritos, quando se pensou na série filatélica sobre Numismática de Portugal. Ou quem lhes propôs essa série. Dum modo ou doutro, o facto de se haver incluído a imagem duma numisma com os dois golfinhos, a legenda em caracteres pré-romanos e, no reverso (ou anverso, dir-se-me-á), a representação de Neptuno não foi inocente, mormente se pensarmos que, de seguida, a legenda pré-romana foi substituída pela de IMP • SAL – *Imperatoria Salacia*. A imagem é, de facto, significativa do ponto de vista histórico, por mostrar essa trilogia da política, economia e cultura, esta última a denunciar já o que será timbre desta prístina *ocupação*, timbre exemplar para hoje e dificilmente praticado: o da serena aculturação.

À segunda imagem (Figura 2) atribuo um significado ímpar também: é que, levada seguramente pelo entusiasmo dos arqueólogos em relação à figura de *Cornelius Bocchus*, romano salaciense, a autar-

quia acedeu a honrá-lo mediante a atribuição do seu nome a um dos largos da cidade. Uma forma, pensava-se, de mostrar a antiguidade do sítio e o prestígio maior que um dos seus ilustres antepassados lograra obter. «Mãe, e quem foi esse Cornélio Bocho?». A mãe dificilmente o poderia explicar, até porque o nome não se enquadrava lá muito bem na antroponímia usual e, por outro lado, como é que deveria pronunciar-se: *Bocho* ou *Boco*? Para manter a tradição, o melhor foi, por conseguinte, voltar atrás e recordar algo de mais concreto, mais condizente com as necessidades quotidianas: o matadouro!



Figura 2. Placa toponímica de Alcácer do Sal.

Este pode ser, todavia, o ponto de partida – e eu até diria *fulcral* – para breve reflexão sobre a figura de Cornélio Boco.

Não valerá a pena embrenharmo-nos na tentativa de descobrir se todas as pedras com o nome *Bocchus* se referem à mesma pessoa. Provavelmente, não – e teremos, porventura, pai e filho: um numa, outro noutras.

Há, contudo, uma certeza: de todos os eventuais *Bocchi*, um sobremaneira se evidenciou, a ponto de ter exercido, a título excepcional, cargos por diversas vezes, e ser homenageado em *Olisipo* e algures pela *colonia Scallabitanana*. Pode ser que, um dia, venha a descobrir-se documento a elucidar-nos como é que essa homenagem dos escalabitanos nos aparece metida em muro de quinta lá para os lados de Évora. Os mistérios com que, amiúde, a Epigrafia se debate!...

Certo é, porém, que o prestígio de Lúcio Cornélio Boco ultrapassou os limites da sua terra

natal e o facto de ter sido galardoado em *Olisipo* e em *Scallabis* acentua a já referida ligação íntima entre a política e a economia.

Podemos, por conseguinte, ir já por esse caminho: o comércio e a necessidade de se fabricarem contentores para o servir. Nesse domínio, as margens do rio Sado e do Tejo já nos ofereceram motivos sobejos para as considerar importantes núcleos de produção anfórica. *Olisipo*, *Scallabis* e *Salacia* assumir-se-ão, pois, como imprescindíveis portos de escoamento.

Os fornos do Sado não carecem de menção aqui, tão exaustivamente a equipa de Robert Étienne e Françoise Mayet teve ocasião de os estudar. A recente reabilitação, porém, de uma epígrafe em homenagem a Lúcio Vero, a princípio considerada falsa – mormente por ter sido dada como proveniente duma dessas zonas de produção sadinas, os fornos do Pinheiro, quando a lógica postularia um ambiente urbano para a sua implantação – a eventual presença aí dessa epígrafe pode mostrar um relacionamento com o poder central ainda mais estreito do que seria de supor, relacionamento já documentado, aliás, como se viu.

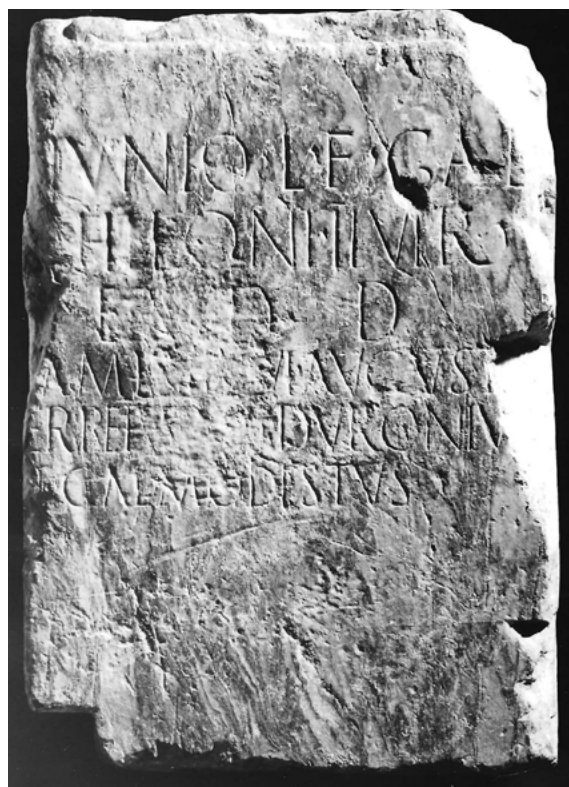


Figura 3. Pedestal em honra de Lunius Philon.



Figura 4. Pedestal em honra de Iunius Philon (face 2).

Poderá, desde logo, salientar-se – e este será, porventura, um aspecto nem sempre devidamente tido em conta – o exemplar funcionamento, por quanto nos é dado entender, do poder local.

Dir-se-á: «Mas poder local é poder local e que tem a ver com o poder central?». Havia regras emanadas de Roma e bastarão, certamente, dois testemunhos para nos darmos conta de que, por *Salacia*, as regras eram cumpridas.

1º) Pode causar estranheza o facto de o pedestal erigido – ou pensado para ser erigido – em honra de Júnio Filão (IRCP 186 – Figuras 3 e 4), ter o texto em duas faces, gravado, todavia, um em posição inversa em relação ao outro, o que denuncia distração por parte do lapicida, que disso se não terá apercebido, ao ter mudado de posição.

De qualquer modo, aproveitado ou não o suporte, a epígrafe é um documento válido e por ela vimos a saber:

- a) que a homenagem foi feita *ex decreto decurionum*, ou seja, teve intervenção do colégio dos decuriões;

- b) que este duúnviro foi galardoado com o título de flâmine perpétuo do divino Augusto, uma honraria nada frequente;
- c) que a iniciativa da homenagem partiu do seu povo – *plebs sua!* O carácter inusitado deste possessivo deve ser salientado.

2º) O segundo documento epigráfico refere-se a outro duúnviro, Lúcio Pórcio Hímero, também ele de cognome grego, assinala-se! (IRCP 187 – Figura 5). Foi, a dado momento, escolhido para exercer, em regime de substituição, funções duunvirais e duas vezes o elegeram flâmine dos imperadores divinizados. Também neste caso a plebe reconheceu os seus méritos, organizou subscrição para pagar



Figura 5. Pedestal em honra de L. Porcius Himerus.

as despesas – ao que ele juntou, inteligentemente, o mérito de ter devolvido a verba despendida, encarregando-se do pagamento; daí estar a palavra *REMISIT*, ‘devolveu’, em módulo maior.

Perguntar-se-á: não terá havido aqui algum secreto conluio, do género «Homenageiem-me, que eu pago!»? Sim, pode ter havido. Mas teve êxito – e isso é que importa do ponto de vista do documento.

A circunstância de ambos os duúnviros citados terem assumido funções sacerdotais directamente ligadas ao culto imperial valida a já cimentada relação havida entre as gentes de Salácia e de Roma. Poder-se-ia pensar: «Está por aqui perdida neste extremo ocidental, quem há aí que lhe ligue importância?».

Nada disso.

E a prová-lo temos dois documentos específicos, sobejamente conhecidos, mas que, neste contexto, é forçoso voltar a referir no seu significado maior:

– O templo que um indígena – sublinhe-se: um indígena, *Vicanus*, filho de *Boutius* – consagra ao imperador Augusto, num texto (como amiudadas vezes já se assinalou) pejado de ressonâncias religiosas, quer por os títulos dessa conotação estarem por extenso [*Divi, Augusto, pontifici maximo, potestate*], quer porque, no final, não se gravou uma palavra insípida, formal, mas uma outra, aí invulgar: *sacrum*, «consagrado». Um indígena que já sabe, no ano 5 ou 4 a. C., o que tudo isto acaba por implicar!

– O segundo texto é também sobejamente conhecido e apenas dele se anotam agora: a clássica magnificência da decoração (o canteiro sabia o que estava a fazer!); a dedicatória ser a Júpiter – é, mui provavelmente, o pedestal duma estátua; o facto de a dedicante, Flávia Rufina, ser emeritense, fláminica provincial e ter sido honrada com o flaminato perpétuo de *Emerita* e de *Salacia*. Na verdade, se mais nenhuma prova houvera dessa íntima ligação entre *Salacia* e *Emerita*, entre as elites de ambas as cidades, esta era mais do que evidente!

Mas há.

É que o papel de *Cornelius Bocchus* foi posto em evidência, não há muito tempo, por uma descoberta emeritense que entusiasmou os epigrafistas. De facto, o fragmento epigráfico encontrado é deveras aliciante e desafia quantos se esforçam em propor a reconstituição do texto por inteiro.

Todas as versões apresentadas coincidem, todavia, num ponto fulcral: *Bocchus* foi chamado a exercer importantes funções junto do governador provincial *Lucius Fulcinius Trio*, um dos governadores, aliás, que não deixou seus créditos por mãos alheias, se tivermos em conta que está mencionado em epígrafes de elevado interesse documental (v. g., IRCP 479).

Por aqui se poderia ficar, demonstrada que se afigura estar a estreita relação entre as gentes de *Salacia* e o poder provincial e, através deste, ao poder central. Não se fica, porque há plena consciência de que economia e política dificilmente sobrevivem se, a plasmá-las, não houver o manto da Cultura. Não um «manto diáfano», como o que Eça de Queiroz atribuiu à fantasia, mas uma vivência, patente em algo que – queira-se ou não – nos é visceralmente querido e o foi, e é, em todos os tempos: a antroponímia.

A influência da zona oriental do Império faz-se aqui sentir não apenas pelo achamento de escaravinhos egípcios ou de cerâmicas e outros artefactos aí produzidos, mas, de modo especial, pela adopção de nomes que, se não significam uma origem oriental do indivíduo (e Robert Étienne chamou a atenção para esse aspecto, com inteira razão), significam, isso sim, a transmissão de uma mística, uma forma de pensar, uma... moda!

Já verificámos que a dois dos notáveis municipais se haviam dado cognomes etimologicamente gregos: *Philon*, *Himerus*... Mas temos *Priamus*, *Laeonica*, *Corinthia*, *Zographus*... Um assaz eloquente painel, a que pode eficazmente juntar-se o *Theophilus* (que nos aparece duplamente grafado com H) a prestar culto à *Isis Domina*. Essa mesma Ísis de que há ressonâncias na céle-

bre *tabella defixionis*, eloquente sintoma, esse também, de uma sociedade bem cosmopolita.

Não se vai ao extremo de privilegiar *Salacia* em relação às demais cidades do Sudoeste hispânico. Ter-se-iam, no entanto, sobejos motivos para lhe outorgar privilégio. Que outra cidade há aí, na Lusitânia romana, que possa orgulhar-se de ter sido a pátria de um escritor célebre, como também o foi *Cornelius Bocchus*?

Bibliografia²

- ALMAGRO-GORBEA, M. 2010. “Lucio Cornelio Boco: turdetano de *Salacia* y autor de la Edad de Plata de la Literatura Latina”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 18 2010/2011, pp. 287-332.
- CARDOSO, J. e ALMAGRO-GORBEA, M. [eds.] 2011. *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS – Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*, Lisboa – Madrid, Academia Portuguesa de História e Real Academia de la Historia, pp. 189-201.
- DIOGO, A. e TRINDADE, L., 1999. “Homenagem a L. Cornelius Bocchus, encontrada nas termas dos Cássios (Lisboa)”, *Ficheiro Epigráfico* 60, n.º 275.
- ENCARNAÇÃO, J. d’ 2002. “*Salacia* et l’Afrique à l’époque impériale”, *L’Africa Romana*, XIV, Roma, pp. 1499-1505. <http://hdl.handle.net/10316/13872>
- ENCARNAÇÃO, J. d’, 2013. “*Salacia Imperatoria Urbs*”, *Arqueología Iberoamericana*, 18, 30-6-2013, pp. 15-24. <http://hdl.handle.net/10316/23687>
- ENCARNAÇÃO, J. d’ 2017. “Consagrado a Augusto”, *Gerión* 35 pp. 763-771. <http://hdl.handle.net/10316/43451>
- ENCARNAÇÃO, J. d’ e FEIO, J., 2022. “Estranha dedicatória a Lúcio Vero”, *Ficheiro Epigráfico* 236, inscrição n.º 818. <http://hdl.handle.net/10316/101494>
- ÉTIENNE, R. 1977. “Remarques sur l’onomastique romaine d’Espagne”, in *L’Onomastique Latine*, Paris, CNRS, pp. 1291-1292.
- FARIA, J. 2002. *Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos*, Lisboa, Edições Colibri.
- FERNANDES, L. 2002. “*Cornelius Bocchus, auctor Lusitanus* e notável de *Salacia*?”, in Nascimento, A. (coord.), *De Augusto a Adriano*, Lisboa, pp. 155-171.
- GONZÁLEZ HERRERO, M., 2002. “Contribución al estudio prosopográfico de los *equites* lusitanorromanos: el *cursus honorum* protagonizado por el tribuno *Lucius Cornelius Lucii filius Galeria Bocchus*”, *Aquila Legionis*, 2, pp. 33-57.
- GUERRA, A., 2003. “Anotações ao texto da *tabella defixionis* de Alcácer do Sal”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, n.º 2, 335-339.
- ENCARNAÇÃO, J. d’, 1984. *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis — Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra, Instituto de Arqueologia, pp. 251-274, inscrições n.ºs 182-206, pp. 743-744. [O número indica o número da inscrição no catálogo].
- MARCO SIMÓN, F. 2004. “Magia y cultos orientales: acerca de una *defixio* de Alcácer do Sal (Setúbal) con mención de *Atis*”, *MHNH (Revista Internacional de Investigación sobre Magia y Astrología Antiguas)*, Málaga, 4, pp. 79-94.
- PAIXÃO A., 1970. *A Necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal – Novos Elementos para o Seu Estudo*, Lisboa. Tese de licenciatura, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- RAPOSO, J. 2012. “Olarias romanas da região do Tejo e do Sado”, in Isabel Cristina F. Fernandes e Michelle Teixeira Santos (coord.), *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Interestuarina Sado-Tejo*, Município de Palmela, Palmela, pp.91-108.
- VENTURA VILLANUEVA, Á., 2019. «La inscripción emeritense de L. Cornelius L. f. Bocchus idas y venidas... por el método epigráfico», *Romula* 18 pp. 129-147.

2 Com o beneplácito dos editores, optou-se por manter o tom de oralidade próprio de uma comunicação, omitindo entremear referências bibliográficas susceptíveis de cortarem o fio à explanação que se pretendia fazer. Por esse motivo se preferiu enumerar aqui a bibliografia mais elucidativa acerca dos aspectos focados no texto.